

Notas pessoais de fé – Gustavo Nazareno

Curadoria Deri Andrade

Ao fundo, de uma cachoeira emana a mítica por trás do significado simbólico que carrega nesta obra de Gustavo Nazareno. Esse elemento central da pintura intitulada *Lamento às águas* faz referência ao poder espiritual que a paisagem pictórica expressa nos novos trabalhos do artista afro-brasileiro. Através da força dos mitos dos orixás, sua obra revela a perfeita coadunação entre imagem, beleza e fé. É por meio das fábulas às quais se apoia para criar os quadros que seu gesto discursa a vontade de homenagear as entidades iorubanas nessa experiência com o sagrado.

Em *Notas pessoais de fé*, sua capacidade técnica de desvelar rostos para os orixás surge tencionada por certa intimidade com esses deuses dos panteões africanos. Quando intenciona representá-los em suas obras, o rigor técnico que o conduz ganha outro artifício impregnado de significados igualmente importantes. Aqui, é imprescindível ressaltar a inserção da paisagem nas novas telas. Assim como na obra que abre este ensaio, nas demais pinturas da exposição, esse fundo é tomado por uma vista que ora invoca o mistério, ora busca revelar sua vertente ancestral mitológica.

Essa intimidade com os orixás é um dos preceitos da produção de Nazareno. Em respeito aos temas em que se apoia, sua produção é marcada, primeiramente, pela escrita, como um gesto inicial embrenhado de sofisticação narrativa. No processo, a busca pelo não dito se revela no quadro de forma enigmática, arraigado em construções estéticas em similaridade com padrões renascentistas. Seus estudos, sobretudo, são pautados na forma do corpo humano, na anatomia como procedimento de exploração e experiência com a imagem. Ao revelá-la, por sua vez, revela-se também o que não está posto mitologicamente, já que a expressão que o artista confere aos orixás é o ponto de confluência entre os planos terrestre e espiritual, personificados com feições humanas. São obras criadas em estado de quase transe.

Tomemos como exemplo, mais uma vez, a obra sobre a qual discorri acima. O novo elemento empregado no seu contexto faz jus ao seu título. Apesar das figuras que repousam no primeiro plano serem características da produção do artista, a narrativa poética em torno da tela se esconde na fluidez de suas águas. Na mitologia dos orixás, Oxum rege as águas doces, com sabedoria e beleza, guardando rios e cachoeiras. No quadro, a orixá não está representada diretamente, mas preenche seus espaços simbolicamente, na iminência de um movimento prestes a acontecer pelo balanço das águas.

Tal fábula é regida por força própria e única. Como no curso do fechamento de um ciclo para o início de outro, isso se repete nos demais trabalhos desta exposição. A intrínseca relação com cada uma das obras se dá enquanto criação de algo maior. Não é apenas a imagem que importa. Apesar de o artista ser, de fato, um criador de poderosas imagens, sua história visual é embrenhada de mistérios e complexos significados. Entre as camadas de tinta, *frames* de uma ritualística composição de ideias dão corpo a uma linguagem figurativa distante de referenciais usuais. A figuração é um caminho, mas não a morada.

Dessa relação, na qual a busca pelo que está no interno desponta durante o processo, as imagens refletem o mais íntimo momento de criação. Da incompletude humana diante das entidades, o que nos resta é a crença. Nesse sentido, a obra de Gustavo Nazareno encontra seu significado. Nas religiões de matriz africana, os orixás guiam os caminhos, por vezes abrindo-os. Na produção do artista, esses caminhos se abrem para outras possibilidades de leituras e contemplação da obra artística. É no limiar dessas fronteiras que novos mundos se estabelecem a partir das cosmogonias que os orientam. Do entrecruzamento dessas passagens, o artista pede benção aos orixás para continuar.